

Um estudo disse que a COVID não era tão mortal. A direita se apropriou dele - Resumo por Amanda Rossi

Como a pesquisa sobre o coronavírus estão se transformando em uma arma.

Publicado em 14 de maio de 2020

RESUMO EM PORTUGUÊS

Por Aleszu Bajak e Jeff Howe, professores de jornalismo da Northeastern University

No mês passado, um grupo de pesquisadores da Universidade de Stanford divulgou um estudo singular: o número de infecções por Covid-19 no condado de Santa Clara, na Califórnia, poderia ser 85 vezes maior do que as estimativas oficiais. Com isso, a taxa de fatalidade para o coronavírus poderia ser de apenas 0,12%, o que tornaria o Covid-19 tão mortal quanto a gripe sazonal.

Em poucas horas, o estudo havia sido impulsionado por comentaristas conservadores e ativistas nas mídias sociais, transformado em munição a favor de protestos contra lockdowns e outras iniciativas de isolamento social que visam conter o coronavírus. A direita, buscando provas de que os riscos da pandemia eram exagerados, havia encontrado sua evidência científica.

Já entre outros especialistas, o estudo provocou uma reação muito diferente: foi amplamente criticado. Andrew Gelman, professor de estatística e ciência aplicada na Universidade de Columbia, chegou a sugerir que os autores deveriam pedir desculpas por terem desperdiçado o tempo de todos.

Esse estudo específico, e milhares de outros, são o resultado de um fenômeno chamado “preprint” — artigos que são publicados muito antes do controle de qualidade acadêmico mais comum, a chamada “revisão por pares”. Os preprints não são novos, mas floresceram durante a pandemia. Mais de 10 mil trabalhos acadêmicos já foram publicados sobre a COVID-19 desde janeiro, 3,5 mil deles na forma de preprints. Para comparação, apenas 29 estudos haviam sido publicados antes que a pandemia de SARS, de 2003, tivesse terminado.

Os preprints tem o objetivo de acelerar a divulgação de conhecimento, para ajudar os cientistas a encontrarem e discutirem novas descobertas em tempo real — algo especialmente importante durante uma pandemia. Geralmente, os preprints trazem um alerta: "Esta pesquisa ainda não foi revisada por pares".

Para um cientista, isso significa que é um conhecimento provisório — talvez verdadeiro, talvez não. Mas na mídia de direita, os preprints são apenas pesquisa científica, principalmente quando reforçam a opinião que se quer defender.

O compartilhamento instantâneo de dados acelerou a corrida por vacinas, antivirais e melhores testes. Mas essa enxurrada de informações, muitas das quais conflitantes, tem produzido confusão e discórdia entre o público em geral, que não está acostumado com o alto nível de incerteza inerente à ciência.

Um epidemiologista de Harvard, Yonatan Grad, diz que uma revisão por pares adequada exigiria que os autores do estudo de Stanford fizessem grandes mudanças antes da publicação. Entre as críticas, estão o método de recrutamento dos pesquisadores (anúncios no Facebook), falhas em seus métodos estatísticos e até problemas nos próprios testes de COVID-19 que foram utilizados.

Os testes não foram aprovados pela Food and Drug Administration. Um subcomitê da House of Representatives abriu uma investigação contra 4 vendedores de testes de anticorpos, incluindo o que fabrica o teste usado no estudo de Stanford. Além disso, os testes geram resultados “falso positivo” 1,7% das vezes. Considerando que o estudo de Stanford identificou que 1,5% dos participantes tinha anticorpo, em tese, todos eles poderiam ser “falsos positivo”.

Porém, enquanto o estudo passava pelo escrutínio da comunidade científica, era aclamado pela mídia de direita. Havia sido transformado em uma arma para servir a um propósito ideológico — reabrir a economia. Muitas vezes, o estudo era divulgado com hashtags como #ReopenAmerica (Reabra os Estados Unidos), #FactsNotFear (Fatos Não Medo), #endthelockdown (Fim do Lockdown) e #BackToWork (De Volta ao Trabalho). O estudo chegou a ser vinculado em uma propaganda política no Facebook: “Toda essa histeria [sobre o coronavírus] é justificada? Vamos reabrir Idaho!”

Analisamos cerca de 900 preprints sobre COVID-19 e identificamos 2 internet. Uma é amplamente ideológica, usando a ciência como propaganda. A outra consiste das discussões acadêmicas.

Os preprints não vão embora. Nós acreditamos que isso é positivo para a sociedade e para a ciência. Mas isso traz alguns custos. Ativistas políticos têm agora uma nova ferramenta para fazer barulho. Ao lançarem mão de estudos de má qualidade para defender suas teses políticas, podem prejudicar a compreensão do coronavírus e colocar vidas em risco.

O público, por sua vez, precisa se tornar mais cético e aprender a avaliar melhor as pesquisas que encontrar.

Last modified: Sunday, May 31, 2020, 5:20 PM